

COMUNICAR É RECICLAR: AÇÕES DE CIDADANIA

COMUNICAR É RECICLAR: CITIZENSHIP ACTIONS

Marileide Lazara Cassoli¹, Renata Coutinho de Moura², Zélia Maria Profeta da Luz³

Recebido: 03 de setembro 2025 / Revisado: 27 de outubro 2025 / Aceito: 14 de novembro 2025.

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo descrever criticamente as ações desenvolvidas junto à Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Sarzedo (Acamares), localizada no município de Sarzedo, parte da Região Metropolitana de Belo Horizonte/Minas Gerais (RMBH). O ciclo de oficinas denominado *Comunicar é reciclar*, foi construído e executado segundo os princípios da pesquisa-ação visando ao mapeamento da situação-problema a ser enfrentada e à definição de prioridades a partir da “voz e vez” dos participantes, promovendo um envolvimento cooperativo entre as catadoras e os catadores da Acamares e as pesquisadoras. Os objetivos do ciclo de oficinas estavam voltados para a utilização das redes sociais como recurso de ampliação da coleta seletiva popular, assim como, mitigar o estigma enfrentado por catadoras e catadores de matérias recicláveis por meio da produção de *ecobags*, complementadas com etiquetas sociais (*tags*), e de calendários, registrando e difundindo imagens e frases relacionadas às vivências pessoais e laborais dessas/es trabalhadoras/es, ações integrantes da campanha *Fortalecendo a luta contra o preconceito e o estigma social*. Os impactos das ações efetuadas apontam para a consolidação da Acamares como espaço de inserção social, capacitação ocupacional e ação cidadã de suas/seus associadas/os ao promover a valorização pessoal e profissional das/os mesmas/os, fortalecer as rotas de coleta seletiva popular e ampliar suas ações junto às comunidades nas quais se insere.

PALAVRAS-CHAVE: Catadores; Economia Solidária; Estigma; Cidadania.

ABSTRACT: This article aims to describe critically the actions developed in partnership with *Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Sarzedo (Acamares)*, situated in the municipality of Sarzedo, in the Metropolitan area of Belo Horizonte/Minas Gerais (RMBH). The workshops called *Comunicar é Reciclar* were created and executed adopting the principles of action research, to know the problem situation and define priorities based on the "voice and turn" of the participants, promoting a cooperative involvement between the *Acamares* waste pickers and the researchers. The workshops objectives were focused on the use of social networks as a resource to expand popular selective waste collect and to mitigate the stigma faced by waste pickers through the production of *ecobags*, complemented with social tags and calendars, registering and disseminating images and phrases related to the personal and work experiences of these workers. These actions were part of the campaign: *Strengthening the fight against prejudice and social stigma*. The results of the actions indicated the consolidation of *Acamares* as a space for social insertion, professional training and citizenship action of its associates by promoting their personal and professional appreciation, strengthening the routes of popular selective waste collection and expanding its actions with the communities in which it operates.

KEYWORDS: Waste pickers; Solidary Economy; Stigma; Citizenship.

1 INTRODUÇÃO

Em 17 de julho de 2020, o Inteligência Coletiva Minas Gerais (ICMG) realizou, em ambiente virtual, o *Iº Encontro Territórios em Diálogos: Transformar o Presente e o Futuro de Minas Gerais*. O grupo – composto pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência –

¹ Pós-doutoranda, Instituto René Rachou/Fiocruz Minas

² Apoio técnico em pesquisa, Instituto René Rachou/Fiocruz Minas

³ Pesquisadora em Saúde Pública, Instituto René Rachou/Fiocruz Minas

Secretaria Regional de Minas Gerais (SBPC-MG), o Instituto René Rachou-Fundação Oswaldo Cruz de Minas Gerais (FIOCRUZ- MG) e a Presidência da Comissão de Educação, Ciência e Tecnologia da ALMG, professoras/es e pesquisadoras/es de várias Instituições de Ensino Superior e de Institutos Federais de Educação, do estado de Minas Gerais – organizou-se no início daquele mesmo ano com o objetivo de construir e fortalecer redes de interlocução e cooperação em conjunto com a sociedade civil organizada, com o intuito de elaborar estratégias e ações para o enfrentamento da pandemia do novo Coronavírus, no estado de Minas Gerais.

A organização e realização do *Iº Encontro* pressupôs a escuta e a construção conjunta das ações a serem realizadas, envolvendo e trazendo ao protagonismo múltiplos atores sociais, suas vivências e seus saberes. A partir desse diálogo com diferentes territórios foram debatidos o agravamento de vulnerabilidades pré-existentes ao cenário que se descortinava, as ações em curso, ressaltando-se, ainda, a importância da atuação de instituições públicas e/ou da sociedade civil, no sentido de promover, não apenas medidas emergenciais relacionadas à conjuntura sanitária – especialmente no ano de 2020 –, como também, a construção e a elaboração de políticas públicas que permitissem responder à crise estrutural, que ainda hoje, impacta o estado.

A elaboração do projeto *Acamares: reciclagem e cidadania*, é resultante das diretrizes traçadas no Painel 4, do *Iº Encontro Territórios em Diálogos*, no qual representantes da sociedade civil organizada registraram suas ações e demandas para o enfrentamento da conjuntura de crise agravada pelas condições sanitárias do período. Entre os temas debatidos, destacou-se as vulnerabilidades a que estavam submetidas as/os catadoras/es de materiais recicláveis. A atividade exercida por trabalhadoras/es desta área encontra-se enquadrada como insalubre em grau máximo, conforme definido pela Norma Regulamentadora 15, do Ministério do Trabalho. Fator agravado pelo trabalho informal que predomina entre as catadoras/es de resíduos dificultando, ou mesmo impedindo, o seu acesso aos benefícios que os adicionais por insalubridade/indenizações podem propiciar aos trabalhadores formais, além de preconceitos e estigmas que ainda hoje afetam as pessoas que atuam nessa atividade laboral. Segundo Marcuso, 2014:

Algumas modalidades de trabalho informal costumam ser enquadrados como “trabalho sujo”, conceito que remete a atividades marcadas costumeiramente por representação social negativa, risco elevado e natureza de indesejabilidade, enraizada na sociedade. Tratam-se de trabalhos que podem produzir significações de pouca realização profissional e reconhecimento social, mas fazem parte e são quantitativamente numerosos no mundo do trabalho, embora sejam poucos conhecidos, estudados e, por vezes, invisíveis – e invisibilizados (...) São atividades que implicam na presença de condições insalubres e de sobrecarga psíquica, além do contato com objetos repugnantes, permeados por preconceitos e significados estigmatizantes e discriminatórios (Marcuso, 2014, p. 46).

Os debates realizados trouxeram à reflexão a questão ambiental, sob a perspectiva das catadoras e catadores de materiais recicláveis atingidos, no exercício das atividades de coleta seletiva, pela pandemia, assim como, questões estruturais relacionadas à atuação profissional destas trabalhadoras e trabalhadores. Desta forma, o escopo do referido projeto é desenvolver ações, a partir da interlocução com a Associação de catadores de materiais recicláveis de Sarzedo (Acamares), que viabilizem a formação de parcerias e de redes colaborativas direcionadas para o incremento da geração de renda, formação pessoal/profissional, fortalecimento da luta contra o preconceito e o estigma social.

2 AS ASSOCIAÇÕES DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

No Brasil, as cooperativas e associações de catadoras/es de materiais recicláveis começaram a surgir nos anos finais da década de 1980. Contudo, somente em 1999, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) começou a se organizar com a realização do *Iº Congresso de Catadores de Papel*, ocorrido em Brasília. Em junho de 2001 foi lançada a *Carta de Brasília*, documento que registrava as demandas destas/es trabalhadoras/es: fortalecer a coleta de recicláveis feita por catadoras/es, o pagamento as/os catadoras/es pelos serviços de coleta, o controle das/os catadoras/es sobre a cadeia produtiva dos recicláveis, a conquista de moradia, o acesso à saúde, à educação e às creches para elas/eles e suas famílias. Do ponto de vista da gestão de resíduos, o documento defende o fim dos lixões e sua transformação em aterros sanitários, com o devido deslocamento dos catadores para galpões que garantam a sobrevivência digna de todos.

Com a *Declaração de Princípios e Objetivos*, o MNCR norteou suas ações para a promoção da autogestão, a democracia direta, a ação direta popular, a independência, o apoio mútuo e a solidariedade de classe. O Movimento promoveu o protagonismo sociopolítico das catadoras/es, buscando garantir participação destas/es trabalhadoras/es em projetos de gerenciamento de resíduos e programas de coleta seletiva. A partir de então, a organização do trabalho cooperado em redes ganhou força visando ampliar a atuação das associações e cooperativas no mercado de recicláveis, pautando-se nos princípios da Economia Solidária.

No contexto latino-americano, a expressão Economia Solidária começou a ser apropriada a partir dos anos 1990, mais próxima de uma noção de “economia popular”, fortemente marcada pela informalidade das práticas coletivas populares. A conjuntura econômica de elevação do desemprego e da precarização do trabalho, naquele contexto, e a mudança nas estratégias de organizações sindicais e movimentos sociais, que passaram a

reconhecer e valorizar iniciativas de geração de renda sob o formato associativo, favoreceram o surgimento e o fortalecimento dessas práticas coletivas populares. O caráter econômico presente nessas experiências define os empreendimentos de economia solidária (EES) como aqueles geradores de trabalho e renda, tanto de maneira direta, como as cooperativas de produção e comercialização, quanto indireta, como as cooperativas de consumo e crédito. Por sua vez, a solidariedade que caracteriza essas experiências remete à cooperação na atividade produtiva, à disponibilização para uso em comum dos meios de produção e à autogestão exercida na condução dos empreendimentos (Magalhães; Alves; Veloso, 2016).

Princípios como colaboração, solidariedade e responsabilidade ambiental e social norteiam os empreendimentos que se organizam a partir da Economia Solidária. Pautados pela construção de um desenvolvimento solidário e sustentável, os EES buscam estabelecer processos econômicos sustentáveis que produzam inclusão e que gerem ocupação e renda voltados, principalmente, para setores sociais vulnerabilizados. É nesta perspectiva que se inserem as catadoras/es de materiais recicláveis organizados em Associações e/ou Cooperativas, “as quais atuam como mecanismo de auxílio coletivo na busca do resgate socioeconômico e de melhores condições de vida” (Magalhães; Alves; Veloso, 2016, p. 2).

Ao atuarem por meio da construção de alianças, parcerias e redes, as Associações e Cooperativas promovem a troca de informações, conhecimentos, ferramentas de trabalho e de gestão, elevando as oportunidades sociais, a geração de renda, a ampliação da produção e da produtividade, a sustentabilidade local e regional, e, a melhoria das condições de vida de seus associados (Magalhães; Alves; Veloso, 2016). As associações/cooperativas desempenham um papel fundamental para a viabilidade e maior rentabilidade da atividade de catação (Silva, 2015). Embora o processo produtivo da reciclagem proporcione grande lucratividade, na cadeia de valor da reciclagem as/os catadoras/es são aquelas/es que menos lucram no decorrer do processo. Os valores de compra dos materiais são definidos pelas organizações compradoras resultando em valores irrisórios, na maioria das vezes, sendo estabelecida uma quantia mínima para a aquisição do material. A atividade se caracteriza, assim, como de subsistência, realizada em condições de trabalho precárias e marcada pela informalidade. Trabalhando diretamente na coleta, separação e na triagem dos resíduos, estas mulheres e homens constituem a parte mais frágil desta cadeia em função da vulnerabilização social e econômica na qual se encontram inseridos, embora, sejam responsáveis por quase 90% de todo o material que chega a ser reciclado no Brasil (Silva, 2013).

2.1 A Acamares

As considerações acima delinearão o contexto em que se insere a formação da Acamares. A Associação foi idealizada por um grupo de mulheres negras, da periferia do município de Sarzedo, catadoras e desempregadas, mobilizadas por Marli Beraldo, atual presidenta da Acamares, buscando inclusão social, geração de renda e de melhores oportunidades de trabalho. Elas estabeleceram parcerias com lideranças locais – dos municípios de Sarzedo e Mário Campos – e do MNCR. No ano de 2013, o projeto desenvolvido por Marli Beraldo, foi concretizado, constituindo-se como um empreendimento pautado nos princípios da Economia Solidária, seguindo as diretrizes de organização de associações e/ou cooperativas de catadoras/es de materiais recicláveis, como indicado acima. Embora a sede da Associação esteja localizada no município de Sarzedo, sua atuação se estende também ao município de Mário Campos, ambos integrantes da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

Conforme indicado anteriormente, a interlocução estabelecida com Marli Beraldo, representante da Acamares, no Painel 4 do *Iº Encontro*, apontou para as dificuldades enfrentadas pelo trabalho de coleta e reciclagem de resíduos – agravadas pela pandemia provocada pelo novo Coronavírus – como desemprego, violência (em suas múltiplas formas), segurança alimentar, ausência de uma renda fixa, as dificuldades de contribuição ao Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) pelas pessoas catadoras e a precariedade de acesso ao Serviço Único de Saúde (SUS). No contexto da pandemia, em função da contaminação pelo novo Coronavírus dos materiais a serem coletados, as associações/cooperativas de reciclagem enfrentaram o agravamento da sazonalidade no desempenho de suas atividades, variações nos preços dos materiais e na oferta de resíduos (Segundo, *et al.*, 2020).

Marli Beraldo enfatizou a gravidade da situação enfrentada pelas mulheres, pois, estas são, em suas palavras, “...protagonistas na história da catação (...) A maioria delas são negras, vivem na periferia”, e, além dos problemas apontados acima, enfrentam situações específicas como a violência doméstica e a baixa autoestima:

Para aqueles que exercem o trabalho sujo, ocorrem julgamentos de valor, que contaminam quem o exerce, prejudicando a própria autoimagem. Ao atuarem com o negativo social, o que é rejeitado pela sociedade, encontram-se na parte de baixo da escala moral do trabalho, como sinônimos de transgressão dos valores morais (Marcuso, 2014, p. 46).

Por trabalharem com os “restos” descartados pela sociedade, enfrentam preconceitos e estigmas, sendo excluídas/os de ambientes sociais, desqualificados em função da matéria-prima de sua atividade laboral, discriminadas/os, pois se encontram comumente relacionados à sujeira

(Marcuso, 2014, p. 58). Estigmatização, exclusão social e informalidade do trabalho resultantes de um processo historicamente construído:

O trabalho dos catadores está integrado, segundo Bosi (2008), ao processo de acumulação capitalista, e a condição de exclusão e miserabilidade em que vivem os qualifica para esse tipo de ocupação, tendo em vista o desemprego, a baixa escolaridade e a elevada faixa etária (Paiva, 2016, p. 2).

A inserção laboral no mercado de trabalho encontra-se cada vez mais marcada pela instabilidade, insegurança, precarização e ausência de proteção social. Essas transformações atingem não somente as/os trabalhadoras/es formais, como também “as/os trabalhadoras/es que na informalidade vivenciam no cotidiano, processos de exclusão histórica, como é o caso dos catadores/as de recicláveis” (Silva, 2015, p. 3). Contudo, conforme colocado anteriormente, estes profissionais têm encontrado “no trabalho associado e cooperativo coesão social, pertencimento e cidadania” (Silva, 2015, p. 3). Ao se inserirem na cadeia de valor da reciclagem, por meio da organização em redes, conseguem estabelecer estratégias de trabalho, renda e luta pela ampliação da cidadania, já que, nessa perspectiva, o trabalho associado e coletivo fortalece os vínculos e promove a busca por soluções compartilhadas. Buscando mitigar/reverter essa situação de vulnerabilização e de exclusão social – pelo estigma que caracteriza a atividade laboral que exercem – estas/es trabalhadoras/es têm procurado, a partir de sua organização coletiva em diferentes formatos, construir uma estrutura que permita agregar valor ao material reciclável, por meio de seu beneficiamento, ampliando, assim, seu acesso a uma renda maior (Silva; Goes; Alvarez, 2013).

A luta pelo reconhecimento social e pessoal destas/es trabalhadoras/es perpassa diferentes âmbitos. Nos diálogos iniciais estabelecidos com a Acamares, ainda no *1º Encontro Territórios em Diálogos*, a preocupação com a capacitação profissional de suas/seus associadas/os trouxe à tona a necessidade de se promover reflexões e ações que incorporassem a crítica ao preconceito e ao estigma enfrentados pelo exercício da profissão e lugar social no qual se inserem. Capacitá-las/os, neste sentido, significa reconhecer a importância do papel social que exercem junto à comunidade na qual se inserem, de seu vínculo ao debate político que envolve a coleta seletiva e sua destinação final, enfim, de sua atuação cidadã. Estes princípios nortearam a construção e realização das oficinas *Comunicar é Reciclar*, voltadas para a utilização das redes sociais como recurso de ampliação da coleta seletiva popular realizada pela Associação no município de Sarzedo, e da oficina para a produção de etiquetas sociais (*tags*) que acompanharam as *ecobags*, parte integrante da campanha *Fortalecendo a luta contra o preconceito e o estigma social*.

2.2 Caminhos metodológicos

Com o objetivo de articular teoria e prática por meio de uma ação voltada à transformação de uma determinada realidade, este estudo adotou a metodologia da pesquisa-ação. Essa abordagem compreende a identificação de um problema em um contexto social e/ou institucional, o levantamento de informações a ele relacionadas, a análise e significação dos dados produzidos pelas/os próprias/os participantes, a identificação das necessidades de mudança, a proposição de possíveis soluções, a definição coletiva das estratégias de ação e o acompanhamento das medidas implementadas (Koerich *et al.*, 2009).

O propósito central dos recursos metodológicos propostos pela pesquisa-ação consistiu em possibilitar que as sujeitas e os sujeitos envolvidos encontrassem respostas mais efetivas para os problemas vivenciados naquela conjuntura, a partir da construção de diretrizes de ação transformadora.

Buscamos, portanto, propiciar uma ampla participação das pessoas engajadas no processo gerando assim uma “mescla de conhecimentos, em que o conhecimento local foi mesclado com o geral e o altamente especializado” conforme proposto pelo método adotado (Picheth; Cassandre; Thiollent, 2016, p. 85). Nessa perspectiva, as técnicas de coleta de dados incluíram entrevistas coletivas e individuais, produção e análise de material audiovisual sobre a Acamares, levantamento documental (Atas de reuniões da Acamares) e técnicas de História Oral, visando compor o histórico da Associação a partir dos relatos de suas associadas e seus associados, consideradas “instrumentos de captação auxiliar” (Thiollent, 1986, p. 30). As rodas de conversa seguiram um roteiro voltado a questões sobre a execução do trabalho: a organização do grupo, a rotina laboral, os principais desafios enfrentados, os impactos da pandemia nas atividades, os efeitos da legislação sobre a coleta e a reciclagem e os caminhos possíveis para o fortalecimento do trabalho das catadoras e dos catadores. O material produzido nesse ciclo de diálogos foi utilizado como base para a análise do contexto de criação da Associação, de sua trajetória e de suas ações, articulando-se a registros de outras iniciativas, como o Coletivo *Marias vão com as outras sim*.

A partir da identificação das demandas e necessidades, foram planejadas e desenvolvidas discussões temáticas com diferentes atores – pesquisadoras/es de áreas correlatas, – além da proposição de campanhas voltadas às pautas levantadas e seus possíveis desdobramentos. Essas ações tiveram como finalidade contribuir para o fortalecimento da Acamares, buscando ampliar sua visibilidade, incentivar a geração de renda de suas/seus

associadas/os, e estimular o enfrentamento do preconceito e do estigma social que incidem sobre essas trabalhadoras e trabalhadores.

A busca por caminhos que apontassem soluções para as questões levantadas pelas catadoras e pelos catadores da Acamares iniciou-se com a realização de um mapeamento coletivo da conjuntura local, assegurando que todas/os tivessem “voz e vez”. Nesse processo, pesquisadoras/es e participantes atuaram de modo cooperativo, construindo conjuntamente as prioridades e estratégias de ação. A pesquisa-ação, nessa perspectiva, teve como foco principal a situação social compartilhada, e não os indivíduos isoladamente, possibilitando o acompanhamento das decisões e ações, bem como a ampliação do conhecimento produzido entre pesquisadoras/es e trabalhadoras/es (Picheth; Cassandre; Thiollent, 2016).

Desta forma, o delineamento das oficinas foi construído por meio de questões concretas definidas em diálogo com as/os participantes da pesquisa, considerando as áreas de conhecimento mais diretamente relacionadas às suas práticas cotidianas. Nesse processo, Marli Beraldo, presidenta da Acamares, destacou a importância de registrar e sistematizar os diálogos e propostas construídas pela academia, de modo que as experiências das pessoas que trabalham com material reciclável pudessem ser reconhecidas e visibilizadas. As rodas de conversa possibilitaram a formulação das primeiras demandas do grupo e a definição coletiva de ações voltadas ao fortalecimento do trabalho em rede e ao enfrentamento do estigma que atravessa a profissão de catadora e catador de materiais recicláveis.

As ações desenvolvidas – entre elas as oficinas de comunicação e de *tags* sociais, e a produção de calendários – serão relatadas a seguir, evidenciando como se configuraram como espaços de criação coletiva e reflexão voltados a fortalecer a autonomia das/os participantes e a construir respostas transformadoras para os desafios vivenciados.

3 DINÂMICAS E PROCESSOS NO TERRITÓRIO

A parceria entre as/os pesquisadoras/es e a Acamares evoluiu por meio de um processo dialógico, resultando na formulação de ideias e atividades destinadas a promover a geração de renda e fortalecer redes de colaboração na luta contra o estigma. Durante os encontros, ficou evidente a necessidade de aprimoramento dos processos comunicativos na Acamares, além da importância da arte na luta contra o estigma dirigido ao trabalho da coleta de materiais recicláveis e às/aos catadoras/es.

Nesse contexto, o relato de experiência se configura como uma estratégia metodológica capaz de registrar e analisar criticamente esses processos vivenciados no território. Essa

modalidade de escrita acadêmica permite articular teoria e prática, contribuindo para o aprimoramento das ações científicas e profissionais. Assim, ao narrar as experiências compartilhadas com a Acamares, busca-se evidenciar como o saber científico participa da formação das sujeitas e sujeitos envolvidos e se vincula à transformação social (Mussi; Flores; Almeida, 2021). A seguir, apresentamos a descrição crítica das oficinas, calendários, *ecobags* e etiquetas sociais.

O ciclo de oficinas *Comunicar é Reciclar* teve início em 2021 e se estendeu até 2022, com foco na formação a partir da troca de saberes em comunicação e marketing. As oficinas priorizaram o desenvolvimento da autonomia para a geração de renda e foram estruturadas como espaços de aprendizado contínuo, nos quais informações e experiências sobre comunicação e seus processos foram compartilhadas no contexto da coleta seletiva popular e da reciclagem.

A criação do Calendário Anual, realizada entre 2020 e 2022, teve como objetivo central promover uma série de diálogos pautados na fotografia humanista, abordagem que valoriza as subjetividades e propõe um olhar introspectivo, explorando o “eu” por meio de experiências fotográficas e rompendo com a ideia do fotógrafo como único detentor da linguagem. Nesse processo, também foi registrada a documentação do *making-off*, que evoluiu para a produção de um minidocumentário e de uma série de vídeos curtos, destacando a atuação das/os catadoras/es da Acamares em suas atividades no galpão.

Além disso, foram produzidas narrativas sobre as experiências relacionadas ao estigma associado ao trabalho, que foram incorporados às fotografias do calendário. Este material foi posteriormente distribuído entre participantes e apoiadores/as da causa. Paralelamente à produção dos calendários, as discussões sobre geração de renda e costura criativa resultaram na confecção e comercialização de *ecobags*, acompanhadas de etiquetas sociais que promoviam os princípios dos três “Rs”: *Reduzir, Reutilizar e Reciclar*. Assim como os calendários, as *ecobags* incluíam relatos das/os catadoras/es da Associação, baseadas em suas vivências pessoais e profissionais, contribuindo de forma significativa para o fortalecimento da luta contra o estigma.

O estigma, conceito discutido por Erving Goffman na década de 1960, ainda hoje se mostra um ponto de partida fundamental para refletir sobre as populações marginalizadas, destacando a análise das relações humanas e das dinâmicas interpessoais entre sujeitas/os ou grupos minoritários em diferentes contextos. Segundo Goffman (1981), o estigma é um fenômeno social que pertence à sociedade como um todo, pois resulta de uma expectativa normativa – do desvio em relação a um padrão de comportamento social imposto de forma

rigorosa e sustentado por concepções. Trata-se, assim, de uma tentativa de atribuir normalidade ao outro: é preciso que um indivíduo considerado “comum” reforce a diferença, de modo que o estigma deixe de ser apenas uma linguagem de atributos e se converta em uma linguagem de relações.

Os indivíduos que possuem características ou atributos percebidos socialmente como negativos tornam-se estigmatizados, processo que resulta na chamada “identidade deteriorada”. A estigmatização pode provocar uma degradação ou desintegração da identidade social das sujeitas e dos sujeitos, afetando profundamente sua autopercepção e a forma como é percebido pelos outros. Essa “identidade deteriorada” expressa, portanto, o impacto adverso da estigmatização sobre a vida e a subjetividade das pessoas, gerando uma constante tensão entre a identidade real do indivíduo e aquela que ele sente precisar apresentar para se adequar às normas sociais. Como observa o autor: “Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se pode impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (Goffman, 1981, p. 7).

Jones (1984) *et al. apud* Siqueira; Cardoso (2011) descrevem que não existe uma correspondência plena entre as avaliações feitas sobre alguém e a própria autoavaliação, o que se alinha à concepção de Goffman sobre “identidade real” e “identidade virtual” (esta última entendida como a identidade presumida pelos outros, baseada em expectativas sociais). Diversas circunstâncias podem gerar discrepâncias entre a percepção do estigmatizador e a do estigmatizado, entre elas, as diferentes compreensões sobre a característica que origina o estigma. No processo de estigmatização, o indivíduo pode rejeitar ou ignorar a marca imposta, não a incorporando ao seu autoconceito. Em outros casos, pode internalizá-la, estigmatizando a si mesmo, ainda que os outros não o façam. Uma forma de observar o impacto do estigma sobre a autoimagem do estigmatizado é por meio de seus sentimentos em relação a si próprio.

Conforme observa Motta (2023), há um estigma historicamente associado ao trabalho das/os catadoras/es, vinculado à ideia de lidar com o “lixo”. No entanto, essa palavra é inadequada, uma vez que lixo designa aquilo que não possui utilidade nem valor econômico. Os materiais recicláveis, por sua vez, têm valor de uso e de troca, podendo ser reaproveitados.

Nessa perspectiva, Grimberg (2005) *apud* Motta (2023), destaca a importância de diferenciar “lixo” de “resíduos sólidos”. O termo resíduo sólido abrange todos os materiais descartados pela atividade humana – restos de alimentos, embalagens, papéis, plásticos e metais –, que podem ser classificados em recicláveis, orgânicos ou rejeitos. Quando misturados, esses materiais perdem seu valor e se transformam em lixo, geralmente destinado a aterros sanitários.

Quando corretamente separados, os resíduos podem ser reutilizados, compostados ou reciclados. Essa distinção é fundamental para ressignificar o estigma atribuído ao trabalho de coleta e triagem de resíduos realizado pelas/os catadoras/es.

De acordo com Severo; Maia; Guimarães (2002), o estigma associado às/os catadoras/es de materiais recicláveis frequentemente os equipara, de forma equivocada, ao próprio material que recolhem, reproduzindo uma visão depreciativa dessa atividade. Essa percepção se sustenta tanto no tipo de material manipulado quanto na construção social do significado do trabalho de reciclagem. Apesar disso, ainda é limitada a existência de uma categorização social mais justa e adaptável a essa profissão.

Se, por um lado, persiste o estigma relacionado à atividade da/o catadora/o, por outro há um movimento de afirmação e resistência, no qual essas/es trabalhadoras/es lutam por reconhecimento, condições dignas de trabalho, segurança, saúde, remuneração justa e valorização profissional. Nesse contexto, reconhecer-se torna-se um ato de reinterpretação e potência, olhar para si revela a força e a beleza de atributos que ultrapassam o exercício da profissão e afirmam a dignidade das sujeitas e sujeitos.

3.1 Calendário anual e coleção de *Ecobags*

O calendário fotográfico, com registros das/os membras/os da Acamares, teve como propósito construir novos olhares sobre o trabalho das catadoras e catadores. Até o momento, foram produzidas duas edições, e em cada uma delas o processo de fotografar, da concepção à fotografia final, estendeu-se por cerca de dois meses. Durante os encontros com as pessoas fotografadas, ocorreram lanches colaborativos e rodas de conversa sobre o impacto do estigma do trabalho na vida dessas trabalhadoras e desses trabalhadores.

Nessa proposta, a fotografia transcende sua função documental, tornando-se uma ferramenta de transformação social. Cada pessoa fotografada é apreendida em sua subjetividade, participando ativamente da criação das imagens. As reuniões preparatórias e o próprio ato de fotografar desempenham papel essencial nesse processo, descentralizando a autoria e desafiando a noção tradicional de que a pessoa que fotografa é a única detentora da linguagem visual.

Para Coelho (2014), a chamada fotografia humanista ou pós-humanista abre caminho para redefinir a percepção dos espaços urbanos estigmatizados, realçando a cidade como ambiente simultaneamente reativo e colaborativo. Essa abordagem vai além da estética, transformando a forma de conexão com o território e integrando pensamento e emoção no ato fotográfico, o que gera uma nova perspectiva sensorial e experiencial. O trabalho humanista

parte da alteridade e da tentativa de restituir às pessoas parte da dignidade que o estigma lhes retira: “O amor, o companheirismo, a leveza, a sensibilidade, a sensualidade são pontos esquecidos ou omitidos nas representações negativas, porém buscados com afinco” (Coelho, 2014, p. 25).

A fotografia humanista, ao priorizar o “fazer com” em vez do “fazer sobre”, permite que os sujeitos se reconheçam, expressem-se autenticamente e desenvolvam uma relação positiva com sua própria imagem. Segundo Oliva e Toneto (2022), é fundamental que as relações entre as/os envolvidas/os transcendam as noções de objeto, projeto e imagem capturada, uma vez que esse modo de produzir problematiza a realidade social de maneira singular, com implicações políticas e estéticas ao desmontar a invisibilidade ideológica.

A riqueza desse processo emerge do diálogo e da escuta, que antecedem o clique da câmera. O convite para a foto, a partilha de histórias de vida, a escolha das roupas, da maquiagem e dos ângulos que proporcionam conforto, tudo isso compõe o ato fotográfico como prática relacional. Transcender a barreira da câmera significa construir proximidade e confiança entre fotógrafa/o e fotografada/o, culminando em uma imagem que reflete uma experiência genuína.

Antes de cada sessão, houve diversos momentos de conversa e escuta, que contribuíram para a criação de um ambiente de respeito mútuo e confiança. Essa abordagem priorizou momentos autênticos, explorando as experiências e subjetividades das pessoas retratadas e evidenciando a dignidade humana e sua relação com o ambiente. Paralelamente às sessões, foi produzido um *making-off* que, após a aprovação coletiva das imagens, resultou em um minidocumentário.

Durante o processo de produção, Geraldo da Silva, catador de materiais recicláveis, relatou em 2021: “Quando coberto de sujeira, as pessoas às vezes veem aquilo como lixo. No entanto, ali está um ser humano.” Na edição seguinte, em 2022, Maria Aparecida, responsável pela triagem dos materiais, compartilhou: “Minha mãe também é recicladora. Eu comecei aos oito anos e permaneço até hoje. Não tenho queixas em relação à reciclagem; só tenho o desejo de aprender e compartilhar conhecimento com quem quiser aprender comigo.” Esses e outros relatos deram origem a vinte e quatro narrativas de profissionais que transformam não apenas os resíduos, mas também o meio ambiente e suas próprias histórias.

Após o lançamento, a presidente da Acamares, Marli Beraldo, destacou que a construção colaborativa entre a Associação e o ICMG teve um impacto subjetivo profundo na vida das/os participantes, preservando suas histórias individuais e coletivas. O calendário valorizou as catadoras e catadores em seu ambiente de trabalho, promovendo reflexões pessoais e coletivas

e fortalecendo o reconhecimento social e ambiental da categoria. Além disso, ampliou a visibilidade da Acamares nas comunidades onde atua, evidenciando sua relevância social, ambiental e educativa.

Paralelamente às discussões em torno do calendário, emergiram reflexões sobre geração de renda e Economia Solidária, centradas na formação de redes, na busca por renda justa, empoderamento e emancipação das violências estruturais, especialmente contra as mulheres. Desse movimento nasceu o Coletivo *Marias Vão com as Outras Sim*, composto por mulheres de baixa renda ligadas à Acamares, com foco em atividades de costura criativa e agroecologia.

Como parte desse processo, foi realizada uma oficina de marketing e responsabilidade social, voltada à criação de um projeto de produção de *ecobags*. A atividade abordou os princípios da Economia Solidária – autogestão, cooperação, respeito ambiental, comércio justo e consumo consciente – e incluiu a troca de experiências com a loja *Oficina das Bolsas*, coordenada pela artesã Neusa Ferreira, no bairro Coração Eucarístico, em Belo Horizonte. Neusa e seu grupo de costureiras trabalham com reutilização de materiais, tendências da moda e encomendas personalizadas, baseando-se em práticas de consumo consciente. Na oficina da Acamares, além da apresentação desses processos, discutiram-se temas como matérias-primas, estamparia, estratégias de comercialização e a elaboração de uma etiqueta social para os produtos, reforçando valores de responsabilidade e sustentabilidade.

Segundo Beck e Ferrari (2012), a resposta social institucional ocorre quando consumidores valorizam ações sociais, gerando reconhecimento público e fortalecendo a imagem das organizações. Esse reconhecimento potencializa a marca, fideliza parcerias e clientes e evidencia um compromisso com o desenvolvimento sustentável e a redução das desigualdades. Inserir essas informações em uma *tag* acoplada ao produto amplia a visibilidade da marca e reforça seu posicionamento ético.

Em 2022, o processo resultou na criação de uma coleção de *ecobags*, com estampas e frases elaboradas pelas/os catadoras/es em colaboração. A iniciativa teve dupla finalidade: gerar renda e promover valores como a educação ambiental, a valorização profissional e a igualdade social. Entre as frases escolhidas, destacam-se:

“Reciclar é fazer a nossa parte para um mundo mais sustentável e menos poluído.”
“Nosso trabalho é cuidar da mãe terra para incidir na vida das pessoas. Nossa missão é lutar contra as desigualdades.” “Na medida em que transformamos o mundo, o mundo nos transforma.” “Reciclagem popular, meu Deus que trem bão! Promover vida traz esperança, boa comida na mesa e o cuidado com a terra. Orgulho de ser catadora!” (Participantes da pesquisa, 2022).

Essas frases, impressas nas bolsas, transcendem o caráter decorativo, tornando-se manifestações de engajamento ambiental, dignidade e resistência social. Assim, as ecobags se consolidaram como símbolos de sustentabilidade, igualdade e esperança, evidenciando a contribuição essencial das catadoras e catadores para o meio ambiente e para a transformação social.

3.2 Oficinas Comunicar é Reciclar, marketing e tag social

A partir do diálogo com o território, evidenciou-se a necessidade de ampliar as conversas sobre comunicação e explorar novas possibilidades de fortalecimento dos processos comunicativos dentro da Acamares. Nesse contexto, foram estruturadas as oficinas de comunicação e marketing *Comunicar é Reciclar*. Devido à pandemia de Covid-19, as oficinas foram conduzidas de forma virtual com a participação da equipe da Acamares e tiveram como objetivo discutir os diversos impactos – positivos e negativos – das tecnologias de informação na sociedade e no contexto da coleta de materiais recicláveis.

A primeira oficina, realizada em abril de 2021, teve como foco o intercâmbio de informações com as/os catadoras/es, abordando de forma abrangente o uso das redes sociais. Além de orientar sobre a criação de perfis e produção de conteúdo textual, visual e audiovisual, o eixo central foi a utilização do WhatsApp Business, versão do aplicativo voltada para o uso comercial. Essa ferramenta, já amplamente utilizada para comunicação cotidiana, ganhou relevância nas interações profissionais e nas ações de mobilização durante a pandemia. As discussões abrangeram modalidades de comunicação, tipos de mensagens (texto, áudio, imagem e vídeo), modos de envio (mensagens privadas, grupos e listas de transmissão), além da criação e gestão de grupos, permissões, compartilhamento de localização, uso do status e aspectos relacionados à privacidade e segurança.

A partir de situações práticas vivenciadas pelas/os catadoras/es, foram analisados os benefícios da criação de listas de transmissão para informar sobre as rotas de coleta nos bairros de Sarzedo. Essa prática ampliou as possibilidades de comunicação direta com a comunidade, fortalecendo o vínculo da Acamares com moradores e parceiros e facilitando o agendamento de coletas de doações em residências e comércios geradores. A partir dessa experiência, foram desenvolvidas duas oficinas complementares: *Direitos humanos e fake news* e *Produção de vídeos e conteúdos para redes sociais*.

Em abril de 2021, realizou-se a *Oficina de Direitos humanos e fake news*, que buscou promover o diálogo sobre os desafios de identificar informações falsas e compreender os interesses por trás de sua disseminação. Foram apresentadas orientações para verificar a

veracidade das informações, reconhecer fontes confiáveis e identificar características recorrentes de notícias falsas. Discutiu-se ainda estratégias individuais e coletivas para lidar com o compartilhamento desse tipo de conteúdo e refletimos sobre como as *fake news* podem violar princípios dos direitos humanos, ao disseminar textos e imagens enganosas e preconceituosas que reforçam estigmas sociais e afetam grupos minoritários.

Em julho de 2021, dando sequência ao projeto, aconteceu a *Oficina de Produção de vídeos e conteúdos para redes sociais*, com foco no uso de recursos audiovisuais para fortalecer as atividades de coleta e divulgar as iniciativas da Acamares. A rota popular de coleta seletiva serviu como exemplo prático para a criação de vídeos e campanhas digitais.

Com a retomada das atividades presenciais em 2022, após o controle da pandemia e o fim das medidas de distanciamento, as oficinas passaram a ocorrer no galpão da Acamares. Nessa nova etapa, foram reunidas/os catadoras/es de resíduos recicláveis, integrantes do Coletivo *Marias Vão com as Outras Sim* e a equipe do ICMG em uma série de três encontros intitulados *Café e Conversa sobre Redes Sociais*. Esses encontros, marcados pela troca de experiências e partilha de alimentos, constituíram espaços de debate e exploração sobre o uso de plataformas como WhatsApp, Facebook, Instagram, YouTube, TikTok, Pinterest, LinkedIn e Twitter, e sobre como a utilização pessoal dessas ferramentas pode impactar ou potencializar a visibilidade institucional. Ao final, distribuímos uma cartilha com tutoriais e orientações sobre segurança e privacidade nas redes sociais.

Após o adensamento no uso das redes, incorporamos uma prática de produção de conteúdo para aplicação dos conhecimentos adquiridos. Essa etapa deu origem a duas oficinas audiovisuais voltadas à criação de roteiros, captura de imagens e edição de vídeos, resultando em materiais de divulgação como: *Trabalhando na reciclagem com alegria e amor* e *Desenrola, bate e joga no beguinho*, publicados nas redes sociais da Acamares e instituições parceiras.

As atividades também estimularam a criação de vídeos curtos, com destaque para a exibição dos bastidores do galpão, o processo de triagem, o funcionamento dos maquinários e os fluxos de trabalho. Esses registros reforçaram o compromisso social e ambiental da Associação e evidenciaram as/os catadoras/es como agentes ambientais fundamentais. Os conteúdos produzidos abrangeram diferentes formatos, incluindo vídeos educativos sobre os benefícios da reciclagem, explicativos sobre o processo de trabalho, depoimentos de membros e parceiros da Acamares, relatos sobre o cotidiano e as relações interpessoais, além de produções voltadas à celebração de datas comemorativas, à apresentação de artesanatos criados a partir da reutilização de materiais e à divulgação de projetos, parcerias e ações institucionais.

Esses encontros e oficinas culminaram em espaços de partilha e empoderamento, centrados na autonomia das/os catadoras/es. Ao ampliar a compreensão sobre as múltiplas possibilidades de comunicação e mobilização social, encerramos esse ciclo de forma significativa, marcando uma etapa essencial no processo de emancipação e fortalecimento desses profissionais e de sua atuação junto à comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações desenvolvidas em parceria com a Acamares evidenciam como a articulação e a criação de redes podem produzir práticas de transformação social e simbólica. A metodologia da pesquisa-ação possibilitou a construção de um processo participativo, no qual teoria e prática se implicaram mutuamente, valorizando os saberes locais e os modos de vida das/os catadoras/es.

O percurso construído por meio do calendário e das oficinas de comunicação e marketing configurou-se como uma experiência de aprendizado colaborativo para todas/os envolvidas/os. As oficinas de comunicação estabeleceram uma base sólida para a compreensão das dinâmicas das redes sociais e da importância de uma presença online significativa. A oficina de marketing e *tag social* acrescentou um componente essencial ao abordar a tradução da conscientização social em práticas comerciais sustentáveis. Ao mergulharem nos conceitos da economia solidária e do consumo consciente, as/os participantes ampliaram seus conhecimentos sobre formas de agregar valor aos produtos, fortalecendo suas mensagens e propósitos.

A união desses elementos resultou em ações de comunicação mais conscientes e comprometidas. As/os participantes desenvolveram habilidades para criar conteúdos autênticos e relevantes, compreendendo o impacto do marketing social e das etiquetas que contam histórias. Essa experiência coletiva proporcionou ferramentas práticas e reforçou seu papel como agentes de mudança, destacando o valor da reciclagem, do consumo consciente, do reuso e da responsabilidade social.

As conclusões finais ecoam a transformação pessoal e profissional vivenciada pelas/os participantes das oficinas – tanto nas práticas voltadas à coleta seletiva popular quanto nas experiências de costura criativa –, promovendo trocas e reflexões fundamentais para expandir horizontes, compartilhar vozes e adotar uma postura mais consciente diante do mundo. Essa experiência evidencia a sinergia entre comunicação, conscientização e práticas sustentáveis,

demonstrando o poder da educação, da colaboração e da ação coletiva como instrumentos de capacitação e transformação social.

REFERÊNCIAS

BECK, Rodrigo e FERRARI, José. **Influência da Responsabilidade Social na decisão de compra dos consumidores de um mercado em Petrópolis, 2012**. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/55616830.pdf>. Acesso em: 05/02/2021.

COELHO, Thaianne Gonçalo. **A dimensão humana e a ética do bem-querer nas fotografias de João Roberto Ripper**. 2014. Monografia (graduação em Comunicação social com ênfase em Jornalismo) - Universidade Federal Fluminense Instituto de Artes e Comunicação Social, Niterói, 2014.

INTELIGÊNCIA COLETIVA MINAS GERAIS. **Territórios em diálogo: transformar o presente e o futuro de Minas Gerais**. Disponível em: <http://inteligcolmg.com.br/encontro-territorios-em-dialogos-transformar-o-presente-e-o-futuro-de-minas-gerais/>. Acesso em: 13/05/2022.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. [1963] 1981, 4ª edição. LTC, Tradução Mathias Lambert.

KOERICH, Magda Santos *et al.* **Pesquisa-ação: ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa**. Revista Eletrônica de Enfermagem. 2009;11(3):717-23.

MAGALHÃES, Guilherme Henrique de; ALVES, Jean Carlos Machado; VELOSO, Letícia Helena Medeiros. **Catavales e Atlimarjom: uma análise das potencialidades do desenvolvimento sustentável local e regional a partir da experiência de uma associação de catadores de materiais recicláveis**. Revista Espacios, v. 37, n. 32, 2016. p. 1-13.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS (MNCR). **Carta de Brasília**. Disponível em: <<https://www.mnrc.org.br/sobre-o-mnrc/principios-e-objetivos/carta-de-brasilia>>. Acesso em 25/08/2022.

MARCUSO, Ricardo Antonio. **Estigma social do lugar: estudo de caso sobre o morar na cidade de Carapicuíba**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 238. 2014.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico**. *Revista Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60–77, out./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Acesso em 25/08/2022.

MOTTA, D.C. **O trabalho dos(as) catadores(as): material reciclável não é lixo**. R. Museu Arq. Etn. 40: 4-20, 2023.

OLIVA, Pilar. TONETO, Maria Bernardete. **A fotografia humanista e a construção de uma historiografia sobre a fotografia latino-americana**. Extraprensa, São Paulo, v. 15, n. esp, p. 136 – 150, mai. 2022.

PAIVA, Camila Capacle. **Mulheres catadoras: articulação política e ressignificação social através do trabalho**. Ideias, Campinas, SP, v.7, n.2, p. 151-174, jul/dez. 2016.

PICHETH, Sara Fernandes; CASSANDRE, Márcio Pascoal; THIOLENT, Michel Jean Marie. **Analisando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo**. Educação, Porto Alegre, v. 39, n. esp., 2016. p. s3-s13.

SEGUNDO, Gemilson Soares da Silva; FONTES, Renato Barbosa; MENDONÇA, Jupira Gomes de; ANDRADE, Luciana Teixeira de. **Análise da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH)**. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. (Org.). As metrópoles e a COVID-19: dossiê nacional [livro eletrônico], 1. ed., Rio de Janeiro: Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro, 2020. Disponível em: https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/wp-content/uploads/2020/08/As-Metr%C3%B3poles-e-a-COVID-19_Dossi%C3%AA-Nacional.pdf. Acesso em: 05/05/2022.

SEVERO, A. L. F., Maia, F. J. F., & Guimarães, P. B. V. **O estigma da atividade de catador de material reciclável no ambiente urbano: uma análise na ótica de Erving Goffman sobre o “Lixo Extraordinário”**. Revista de Direito da Cidade, 9(4), 2022.

SILVA, Carlúcia Maria. **Diálogos e trabalho em redes em busca de inclusão socioprodutiva, cidadania e reconhecimento: a experiência de catadores de recicláveis na RMBH**. Farol, FACE/UFGM, v. 2, n. 5, 2015. p. 1054-1094.

SILVA, Sandro Pereira; GOES, Fernanda Lira; ALVAREZ, Albino Rodrigues. **Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável**. Brasil, IPEA, 2013.

SIQUEIRA, Ranyella de; CARDOSO, Hélio. **O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana**. Imagonautas, v. 2, n. 1, p. 92–113, 2011.

THIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.